



ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO

ENSINO MÉDIO – PROJETO ERA OUTRA VEZ

Educadora: Maria Rita Pires do Rio

Série: 1^a e 2^a séries

Caro(a) aluno(a),

Se você estiver neste momento precisando fazer processo de recuperação em Projeto Social, certamente o fato se deve a ausências suas na atividade ao longo do ano letivo.

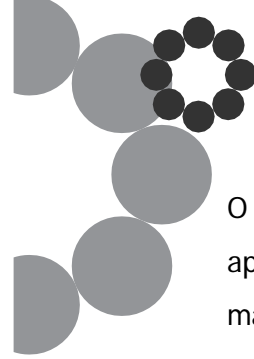
Ausência em qualquer atividade em um colégio que se chama Equipe interfere na qualidade de trabalho da turma ao qual o aluno está vinculado. Nos projetos sociais, ausências impedem que seja constituída a prática coletiva e, no Era Outra vez, comprometem o vínculo com as crianças e com tudo o que envolve o local de atuação do Projeto.

Este momento de recuperação existe para que você possa buscar retomar percursos, para que possa dar continuidade aos seus estudos no próximo ano - e com compromisso. Não é o caso de tratar dos motivos de ausências agora, mas de considerar novas possibilidades.

ATIVIDADES A SEREM REALIZADAS

O Era Outra Vez é o nosso projeto de mediação de leitura. Acontece desde 1997 e passou por várias mudanças: já se chamou “Biblioteca Viva” e “Mudando a História”, sempre com objetivo de aproximar o livro da criança e formar jovens como mediadores nessa relação.

O texto que segue abaixo é parte de uma publicação da Fundação ABRINQ que conta sobre as primeiras experiências e resultados do projeto de mediação de leitura, quando ainda se chamava “Biblioteca Viva”.



O trabalho a ser realizado é a leitura atenta, buscando levantar ideias principais, aprender com as reflexões registradas. Posteriormente, deve ser feita uma resenha do material que segue.

ATIVIDADES A SEREM ENTREGUES

No momento da apresentação / entrega / discussão, você deverá já ter preparado sua resenha. Coloque capa, com título e dados de identificação do estudante. A escrita deve ser legível, organizada e atender à norma culta; portanto, capriche e faça previamente revisão cuidadosa, antes de considerar o material finalizado.

ORIENTAÇÕES

Na aula do processo de recuperação do Projeto Era Outra Vez, os estudantes deverão apresentar sua resenha, apontando dúvidas e destacando aprendizados. Será realizada uma conversa sobre a temática do texto as experiências vividas no Projeto.

A resenha, manuscrita, deverá ser entregue na aula.

Após o trabalho com a resenha, faremos uma atividade de planejamento e escolha no acervo.

As atividades ocorrerão na Sala do Instituto Equipe, serão iniciadas às 14h e encerradas até no máximo 15h30.

Bom trabalho!


Maria Rita

1 • Ação cultural

Ação cultural é um processo que oferece condições para que as pessoas envolvidas descubram sua capacidade de criar, inventar e reinventar seus objetivos, uma vez que as atividades não lhes são impostas nem dirigidas para alcançar determinados resultados. Ou seja, é possível saber de que modo e com que meios essa ação se inicia e se desenvolve, mas não é possível saber quais serão seus resultados, que acontecem sem que tenham sido previstos e, muitas vezes, se manifestam em situações futuras. Uma das principais características da ação cultural é que ela tem começo e pode não ter fim. Ela respeita a vontade, o ritmo individual e a liberdade de expressão dos participantes; não coloca limitações de forma e linguagem, permitindo diferentes olhares e diferentes leituras sobre um mesmo objeto ou uma mesma situação, sempre abrindo novos caminhos para que as pessoas descubram e escolham, por si, aquilo que querem⁵.

A ação cultural cria condições e oportunidades para que as pessoas desenvolvam sua capacidade de observar, refletir, duvidar, questionar e falar livremente a partir de seu próprio cotidiano. É um processo que provoca transformações e se transforma também, levando as pessoas a mudar a forma como passam a se ver e a ver o mundo ao seu redor, fazendo com que não se limitem às soluções prontas e aos padrões convencionais e comecem a enxergar para além desse mundo que as cerca.

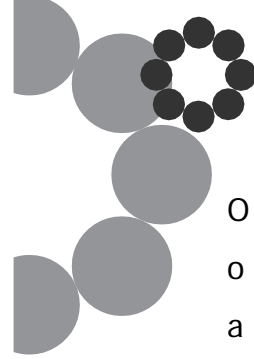
É importante entender o significado da ação cultural, pois é muito comum a ideia de que uma atividade de leitura está sempre ligada à aprendizagem formal, que é um dos objetivos da área da educação. Embora contribua para o desenvolvimento educacional e seja facilitadora do processo de alfabetização, não é esse o foco, nem o objetivo maior da ação cultural. Todos sabem que



cultura e educação são áreas que andam juntas, se complementam, se somam, se ajudam. As crianças que desde cedo entram em contato com o mundo dos livros e da leitura ficam muito mais estimuladas a aprender a ler, a escrever e adquirem maior capacidade de abstração, da mesma forma que, ao entrar em contato com um novo brinquedo ou um novo jogo, querem conhecer suas regras e seus segredos.

O Programa Biblioteca Viva propõe justamente isto: incluir as crianças no mundo da leitura por meio de uma ação cultural que possa ocorrer em qualquer espaço social, seja a família, a escola, a creche ou o hospital. Incluir as crianças sem esperar que elas respondam imediatamente com um produto ou resultado. É dessa maneira que a aprendizagem ocorre na vida das pessoas. Elas aprendem a andar, falar, brincar, sempre em relação com os outros. Elas interagem, fazem e erram, experimentam, voltam atrás. Da mesma forma acontece com a leitura. As crianças que interagem com adultos leitores incorporam essa prática às suas vidas. Passam a ver a leitura como algo que faz parte do dia-a-dia e, portanto, são alfabetizadas com maior facilidade, já que percebem o sentido e o significado da escrita e da leitura. Dessa forma, uma ação cultural desenvolvida por intermédio da leitura para crianças desde seus primeiros meses de vida certamente será facilitadora do processo de aprendizagem. Para uma criança que nunca viu um livro, ele é um objeto como outro qualquer com o qual se pode brincar, explorar com as mãos, com a boca, com o olfato, com os olhos. É o adulto que dá sentido ao livro por meio da leitura e de sua interação com a criança. Nas famílias leitoras, as crianças já nascem em meio a jornais, livros e revistas. Ao ver o adulto lendo, a criança sabe que aquele objeto livro é portador de histórias e palavras e começa a se interessar pelos códigos que as letras representam. É fundamental, portanto, que as crianças tenham acesso desde cedo a essa multiplicidade de formas e tipos de livros.

Já em famílias onde a leitura não é prática comum, as crianças em geral terão seu primeiro contato com os livros na escola ou na creche.



O mediador de leitura será o agente dessa ação cultural. É ele que irá praticar o ato de ler de forma descomprometida e livre para que cada criança aproveite, a seu modo, esses livros e momentos. E, para muitas delas, este leitor é aquele que pela primeira vez colocará o livro em suas mãos para iniciá-las no mundo da leitura.

⁵ Ver Teixeira Coelho. *O que é ação cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1989. Coleção Primeiros Passos.

2 • Leitura e inclusão social

Até a primeira metade do século XX, a leitura infanto-juvenil era restrita a pequenas parcelas das elites. Somente ao final da década de 1960 e início da de 1970 é que começou a haver maior preocupação com o hábito de leitura das crianças e dos jovens brasileiros.

A produção de livros de literatura infanto-juvenil vem aumentando significativamente desde a ampliação da rede escolar. A escola é ainda o canal por onde flui a maior parte dessa produção destinada a jovens e crianças e à escola tem sido atribuído o papel de iniciar as crianças na leitura e transformá-las em leitores. O índice de analfabetismo no Brasil atinge aproximadamente 12% da população com idade acima de 10 anos, mesmo com a expansão da rede escolar, da criação da rede de bibliotecas infanto-juvenis e dos movimentos de alfabetização desenvolvidos a partir da segunda metade do século passado. E cerca da metade da população possui de um a sete anos de estudos, o que corresponde ao primeiro grau incompleto⁶.

Há ainda um contingente grande de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que embora tenham sido alfabetizadas na escola não são capazes de entender o que leem nos livros, jornais ou outros tipos de textos escritos, mesmo os mais elementares. Na medida em que não possuem a capacidade de utilizar informações escritas, o que é um requisito fundamental para participar integralmente do mundo do trabalho e de outros processos sociais, esses




indivíduos se tornam socialmente excluídos.

O Instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa apresentaram, em 13 de dezembro de 2001, os primeiros dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Os dados mostram que:

- 31% da população estudada foi classificada no nível 1 de alfabetismo (conseguem retirar uma informação explícita apenas em textos muito curtos);
- 34% no nível 2 (conseguem também localizar uma informação não explícita em textos de maior extensão);
- 26% no nível 3 de alfabetismo (são capazes de ler textos mais longos, localizar mais de uma informação e estabelecer relações entre diversos elementos do texto);
- 37% dos brasileiros não leem nada no trabalho;
- 41% deles não escrevem nada;
- as mulheres obtiveram melhor desempenho no teste aplicado, com uma média de 11,4 de acertos contra uma média de 10,3 de acertos dos homens⁷.

Dados da pesquisa *Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da quarta série do ensino fundamental*, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), revelam que o processo ensino-aprendizagem das crianças se concretiza de forma precária no país. A maioria dos estudantes não aprende a ser leitor para realizar as atividades básicas do cotidiano, inserir-se na complexa sociedade globalizada e exercer plenamente a cidadania⁸.

A vida moderna exige do indivíduo cada vez mais a capacidade de ler e escrever. A leitura é um instrumento de desenvolvimento pessoal e de exercício da cidadania. Basta ver que no dia-a-dia as pessoas se defrontam com jornais, revistas, rótulos de remédios, instruções para uso de eletrodomésticos,



folhetos, sem falar na vida profissional, na qual a capacidade de utilizar as informações obtidas pelos diferentes meios de comunicação, como livros, jornais, revistas especializadas e computadores é um pré-requisito fundamental.


Na competição por um lugar melhor na vida, como afirma Bernardo Toro⁹ em seu *Código da Modernidade*, os jovens precisam ter domínio da leitura e da escrita; ter capacidade para fazer cálculos e resolver problemas; ter capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações; compreender e atuar em seu entorno social; receber criticamente os meios de comunicação; ter capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; e planejar, trabalhar e decidir em grupo.

O Brasil está hoje entre os países com o maior índice de desigualdade social do mundo e, para reverter essa situação, é necessário que a população se torne leitora, com competência para compreender e mudar essa realidade. No entanto, muitas escolas, principalmente da rede pública, não têm dado conta de preparar e formar esse indivíduo requisitado pelo mundo do trabalho e com conhecimento necessário à transformação social e econômica dessa realidade.

Pensar em formar leitores no Brasil é pensar nas dificuldades enfrentadas pelos jovens e crianças que provêm dos meios menos favorecidos. Normalmente suas famílias não têm acesso à leitura. Em suas casas não existem livros, jornais ou revistas, ainda que a escrita seja considerada necessária.

Vivendo nesse ambiente, ao ingressar na escola a criança terá mais dificuldade de se iniciar na linguagem escrita, o que não ocorre com as crianças de famílias nas quais a leitura é considerada importante.

Para as crianças de famílias não-leitoras, o salto da linguagem oral para

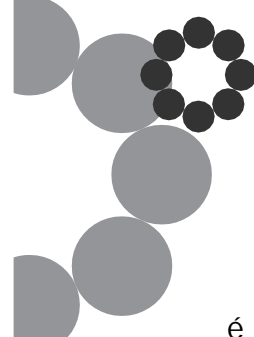


a linguagem escrita exigida na escola é grande. Mesmo entre as famílias de classe média, que têm acesso aos livros, há um grande contingente de pais que não valorizam a leitura, atribuindo essa postura ao estilo de vida da sociedade moderna, onde, além da escassez de tempo, existem muitas outras opções de lazer. Por essa razão as crianças dessas famílias tendem a reproduzir o comportamento dos pais, tornando-se não leitoras.

Emília Ferreiro, em *Cultura escrita e educação*¹⁰, afirma que “no Brasil, 50% das crianças fracassam ao fim da primeira série. [...] É impossível construir um país se se pensa que a metade da população não está em condições de aprender. Além disso, é gravíssimo que um país se acostume com a ideia de que a metade de sua população é incapaz de aprender. [...] Enquanto se sustentou a ideia de que a aprendizagem era para alguns e não para todos, a escola soube como fazer. Porém desde que se estabeleceu a ideia de alfabetização para todos, a escola ficou sem respostas. A escola não sabe lidar com as diferenças, não sabe como trabalhar a partir das diferenças assumidas como dado inevitável, e não como castigo”.

Outro fator que não se pode deixar de lado é o tipo de trabalho feito com a literatura nas escolas. Muitas escolas, tanto públicas quanto particulares, não formam leitores porque nem sempre estão preparadas para lidar com a literatura e transformam o que deveria ser uma leitura prazerosa e livre em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária, afastando as crianças dos livros, que passam a ser vistos como símbolos do seu fracasso escolar¹¹. Vale lembrar que o Brasil não é um país que valoriza o livro. Tanto é verdade que são poucas as políticas culturais de incentivo à leitura ou de subsídio à produção do livro, que permitam o barateamento do seu custo, facilitando o acesso da população a esse bem cultural.

Finalmente, aqueles que por esforço pessoal conseguiram vencer todos esses obstáculos e se tornaram leitores, se defrontam com outra barreira: o preço do livro e a falta de bibliotecas públicas, existentes em geral somente nos grandes centros urbanos.



De acordo com Jean Foucambert, o leitor “não é quem lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher os livros que irá ler, que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses”¹². É o indivíduo que entende o significado daquilo que lê e é capaz de refletir e opinar a respeito do que foi lido, estabelecendo relações entre o conteúdo do texto e sua vivência cotidiana.

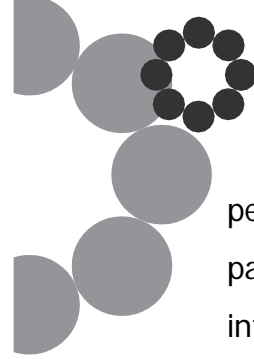
As escolas, que são as primeiras a introduzir o livro na vida das crianças, podem fazer da leitura uma prioridade sem torná-la uma obrigatoriedade, que muitas vezes leva ao desinteresse dos alunos pelo livro.

“Do ponto de vista pessoal, mudou tudo, eu não tive muitas histórias quando criança e nem no período escolar. Sempre fiz leitura por ter que fazer, o professor pedia e eu lia, mas agora eu despertei em mim o prazer pela leitura e, assim, posso passar para as crianças uma coisa legal, uma emoção, que antes do curso não tinha. Eu lia a história porque estava na hora de ler e pronto.”

É necessário, portanto, que se busquem práticas que favoreçam a construção de uma nova imagem da leitura – como uma atividade prazerosa e divertida. A leitura é um instrumento fundamental para o desenvolvimento humano e pessoal, para o processo formativo e para o exercício pleno da cidadania.

Assim como as crianças são mergulhadas no mundo da expressão oral desde cedo, porque estão ouvindo as pessoas falarem à sua volta mesmo antes de saber falar, elas devem ser levadas a ter um intenso e natural contato com o universo da escrita, mesmo antes de saber ler e escrever.

Entrar em contato com os livros e com as histórias passa por um percurso e requer um desenvolvimento que tem uma sequência. Se o tempo de cada um e o direito de só escutar puderem ser respeitados, em geral, esse



percurso é mais rápido e sólido. Para ser leitor é preciso desejar ser leitor. E para desejar algo é preciso que esse algo seja apresentado de uma maneira interessante e prazerosa.

⁶ IBGE, PNAD, 2001.

⁷ Disponível em URL: www.ipm.org.br – Site do Instituto Paulo Montenegro.

⁸ Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da quarta série do ensino fundamental. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC). O trabalho teve como base os resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2001. ⁹ COSTA, A.C.G. Códigos da Modernidade in *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

¹⁰ FERREIRO, E. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

¹¹ Ver a respeito Ricardo Azevedo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. Disponível em URL: www.ricardoazevedo.com.br.


¹² Ver Jean Foucambert. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

3 • A importância de ler histórias e o porquê da escolha da literatura

“Histórias ajudam as pessoas que as leem de alguma forma que eu ainda não descobri. Apenas sei que elas tocam lá no fundo e é por isso que as pessoas gostam delas. E têm histórias que aconteceram de verdade e que fazem parte da gente. São a vida da gente. Acontecimentos que fizeram a gente pensar. Mas são sempre fortes porque marcam a nossa personalidade, nosso saber sobre nós mesmos ou fatos que fizeram a gente rir; ou chorar; ou só pensar”¹³.

A leitura é um exercício íntimo e elaborado, que requer desenvolvimento psíquico. É interessante quando nos atemos à observação da relação da criança com o livro e a leitura, pois encontramos nela necessidades que são comuns a maior parte dos indivíduos: o interesse de escutar narrativas, a necessidade da companhia de um adulto que dedique um tempo para ler a narrativa, o desejo de se expressar, de ser escutado e de ser respeitado em seus momentos de silêncio.

Em nosso tempo o veículo concreto da linguagem narrativa são os livros. No que concerne à infância, por exemplo, esta é a sua função principal:




garantir a permanência e a transmissão das histórias de nossa cultura. O adulto tem um papel importante pois é ele quem reconstitui as narrativas escritas, por meio de sua voz, de sua leitura e da apresentação das imagens. É ele quem dá significado à escrita e às imagens apresentadas à criança, acompanhando-a no contato com conteúdos e imagens que poderiam ser impressionantes, inquietantes ou desconhecidos, seja porque a criança é ainda muito pequena, seja porque ela ainda não sabe ler, ou ainda porque não tem autonomia com a leitura. Isso também pode se dar porque, devido a razões físicas, psíquicas ou contextuais, a criança pode estar mais frágil ou ainda não ter tido a oportunidade de ser introduzida nesse importante universo cultural. Os livros guardam as histórias da humanidade e são o suporte da linguagem narrativa. Optamos por trabalhar com a transmissão de narrativas literárias lidas, pois constatamos que, devido à permanência da escrita, ler para o outro é uma estratégia que permite transmitir e apropriar das histórias e a cultura. A escrita traz a possibilidade da releitura. Cada nova leitura é uma descoberta que permite renovar e reforçar o sentimento de existir.

“Hoje os livros são para mim uma fonte para soltar minha imaginação, de poder pensar em muitas coisas que na realidade são impossíveis. Antes isso para mim não existia, mas agora eu tenho prazer em ler.” (Jovem voluntária – São Paulo – 1999)

Mediação de leitura é o ato de ler para crianças, jovens ou adultos de uma maneira livre e prazerosa. O mediador se propõe a compartilhar com elas o prazer de ler, de conhecer e de descobrir o que os livros têm a oferecer. Ele aproxima o livro e a criança, deixando ela fazer suas escolhas, lendo o texto e mostrando as ilustrações, ouvindo atentamente, respondendo às perguntas, observando e respeitando suas reações. A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com a criança a leitura e a troca de experiências é único por incluir o vínculo ali estabelecido.

“Eu me aproximei de uma incubadora, junto à mãe e seu bebê. A mãe me contou que a filha tinha uma semana de vida e estava com problema no




coração. Ofereci as leituras para a mãe, ela aceitou. Comecei a ler, ela se emocionou e começou a chorar, fiquei preocupado e perguntei o que tinha acontecido, ela me pediu para aguardar com a mão, ela precisava chorar, desabafar. Depois me contou a história de Lia, seu bebê. Depois que terminou, perguntei se ela queria que eu continuasse a ler, ela aceitou novamente e li alguns livros, ela riu em algumas passagens. No final disse que seria bom ela contar, cantar e falar com a filha, quando me dirigi para Lia na incubadora e comecei a falar com ela, o medidor de batimentos começou a acelerar. Disse à mãe que se ela quisesse podia pegar livros no segundo andar.” (Técnico do Programa Biblioteca Viva em Hospitais – Unidade Neonatal, Instituto da Criança Professor Pedro de Alcântara – São Paulo – SP)

Os livros devem ser colocados à disposição das crianças, para que elas manuseiem e possam escolher o que querem ler. Quando as crianças ouvem a história de um livro e observam suas figuras, demonstram interesse e preferência por determinados assuntos, gêneros literários e tipos de livros. Durante a leitura, elas estabelecem relações entre a história e os fatos de sua vida e suas experiências, exercitando assim sua capacidade de pensar, imaginar, associar ideias. É comum que nesses momentos elas revelem seus conhecimentos, sentimentos e sonhos. Assim, as crianças têm reações diferentes diante do mesmo livro, dependendo do que já vivenciaram. O mesmo acontece com os adultos.

Para ler uma história como seu autor a escreveu, é importante que o livro seja lido sem suprimir trechos, alterar frases ou palavras, esconder imagens ou utilizá-las parcialmente. As crianças são capazes de entender sem que as palavras difíceis sejam trocadas ou traduzidas. É um desafio conhecer e incorporar palavras novas e elas aprendem assim, a partir de desafios e do encontro constante com o desconhecido. Se for oferecido somente aquilo que a criança já conhece, como ela irá sonhar, aprender e se desenvolver?

As narrativas e os livros de qualidade são em si atraentes como




estrutura de linguagem, musicalidade, palavras, riqueza de ilustrações, trama, enredo etc., o que não requer do mediador uma leitura dramatizada para a criança imaginar um animal feroz, por exemplo, pois cada um é capaz de imaginar “seu próprio lobo”, a partir de suas próprias formas de representação. Nesse processo de leitura, a criança se familiariza com a linguagem escrita em sua forma narrativa. A narrativa é uma forma de contar uma história, um mito, uma lenda conforme a visão do autor. E não precisa estar diretamente relacionada com a realidade, mas pode servir de referência a coisas que aconteceram, ou podem vir a acontecer.

Nesses momentos, o mediador tem a oportunidade não somente de conhecer melhor as crianças, como de se conhecer e de aprender com elas, o que é fundamental para desenvolver seu trabalho e superar eventuais dificuldades.

“Várias crianças ficam ansiosas para contar a história. Mesmo não sabendo ler, elas olham o desenho e simulam uma história, às vezes no mesmo assunto que a professora contou, outras vezes elas mudam totalmente o rumo da história com os mesmos personagens.” (Educadora do Cantinho do Girassol – Brasília)

A ação aqui proposta é centrada na leitura de livros de literatura e não no contar histórias, que é uma situação diferente. Ao contar uma história, recorre-se à memória e à expressão corporal. O contador de histórias é figura importante em diferentes culturas e tradições. Entre aquelas não letradas, é ele quem garante a continuidade dos mitos e da história de seu povo. Nas civilizações orais, os suportes concretos de transmissão das narrativas correspondem a critérios precisos. Os indivíduos aos quais é ensinada esta prática, e que são responsáveis pela sua transmissão, respeitam estas regras de maneira estrita. Além disso, em muitas culturas o contar das histórias que significam o mundo, os costumes e as emoções são momentos coletivos, nos quais o grupo para e se reúne para ouvir o contador. Assim, as crianças e os



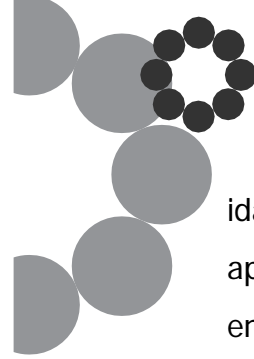
jovens são acompanhados pelos seus pares mas também pelas outras gerações. E isso faz parte da vida, da rotina do grupo.

Em nossa sociedade também temos os contadores. Avós e pais que contam histórias são comuns na vida de muitas famílias. Mas, pela forma de viver contemporânea, vamos perdendo o gesto espontâneo de trocar experiências, sejam profissionais ou de vida; nem sempre as pessoas têm tempo para conversar, relatar casos ou contar histórias que aprenderam com seus antepassados.

A mediação de leitura contribui para que a criança tenha acesso à linguagem escrita. Por meio das histórias as crianças ampliam seu vocabulário e seu universo, falam e interagem umas com as outras e com os adultos. Constatamos que por meio de leituras compartilhadas entre gerações e grupos contribuimos para uma aproximação e aprendizagem recíprocas, facilitando a integração, o encontro e a valorização da experiência de cada um.

“Engraçado que ao observar a reação das crianças menores, geralmente bebês em primeiro contato com os livros, e a tentativa de arrancar as imagens dos livros, verificando logo que as figuras não são reais, mesmo sem terem uma noção, se acostumam com realidade, e eles perguntam constantemente (quando já falam) o que são todas aquelas imagens. Já as crianças maiores, que já sabem falar, estão em contato com figuras e histórias; instigantes são as figuras embaixo das imagens, mais parecidas com insetos (já me disse uma menina), vários tem pernas, mas nenhum tem olho nem boca... E aos poucos as letras do alfabeto também se tornam familiares... A importância dos livros é inigualável.” (Jovem Voluntária – Colégio Equipe – São Paulo – SP)

A leitura no cotidiano de crianças e jovens é introduzida, em geral, no início da vida escolar. Emília Ferreiro, em alguns estudos, constatou que quanto mais cedo a criança é levada a ter contato com os livros, maior será a sua facilidade na aquisição da leitura e da escrita. A criança até os três anos de



idade, qualquer que seja sua origem social, tem o mesmo potencial de aprendizagem. A partir dessa idade, observa-se um grande distanciamento entre as crianças de meios favorecidos e desfavorecidos, devido aos estímulos e cuidados diferenciados que recebem em casa e nas instituições que freqüentam¹⁴. Portanto, quanto mais cedo a criança é introduzida à linguagem narrativa, menores serão suas perdas relativas à aquisição das competências necessárias ao seu desenvolvimento.

A criança que tem acesso aos livros desde pequena os trata como companheiros, estabelece uma relação afetiva com eles, assim como com a chupeta, o paninho ou os brinquedos, objetos que lhe dão segurança, apoio e estabilidade. Ao contrário, as crianças que só têm contato com os livros mais tarde, na escola, tendem a incorporá-los como material escolar, composto por matérias a serem aprendidas e exercícios obrigatórios que colocam à prova a sua competência. Pela literatura, a criança viaja, conhece outros lugares, outras pessoas, outras situações e alimenta sua imaginação. O leitor não é uma pessoa sem história, totalmente passiva, pronta a receber qualquer coisa. Ao contrário, mesmo sendo criança, tem uma experiência de vida, um saber, com o qual vai estabelecer uma relação de troca com o livro, com o mundo e com as pessoas que o cercam. Nessa troca, o leitor é um indivíduo ativo que junta seu saber ao do autor do livro, e é assim, enriquecido por esse diálogo, que o leitor retorna à leitura do mundo. É na troca de repertórios, na troca dessas leituras que as crianças descobrem que não existe um único modo de ver e compreender o mundo. Formar um cidadão crítico e pensante passa por possibilitar que a criança contraponha muitos pontos de vista e conheça perspectivas diferentes de observar.

A leitura do livro em voz alta propicia a entrada da criança na cultura da escrita. Pela leitura da história e de sua repetição, a criança descobre não só a especificidade da linguagem escrita, mas principalmente sua função. Ao ouvir várias vezes a leitura da mesma história (as crianças gostam de ouvir histórias que já conhecem), ela vai descobrir pela repetição das mesmas palavras a sua permanência. Isso vai propiciar à criança uma referência cultural e linguística




da qual ela poderá se valer¹⁵.

A criança pede para repetir a mesma história porque experimentou emoções (como tristeza, alegria, medo) ao ouvi-la e a repetição lhe propicia brincar com essas situações em seu imaginário, pois está protegida pelo contexto do livro, pela companhia do mediador e tem o conforto da configuração da narrativa (conhece o desenvolvimento e o final da história).

“O trabalho foi realizado em uma sessão individual com uma criança de três anos, portadora de doença auditiva bilateral profunda. O livro escolhido foi Tamanho real, livro dos contrários; por ser um livro com ilustrações grandes, bastante coloridas e com pouquíssimo texto, chamou de imediato a atenção da criança, que se aproximou, quis pegar, imitar e rever a história várias vezes, deixando de lado outros livros que estavam na atividade. Passamos pelo menos 20 minutos da sessão manuseando e revendo esse livro.” (Educadora – Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem – CPPL – Recife – PE)

Um dos aspectos importantes da literatura é garantir a transmissão cultural entre as gerações, mantendo viva a memória cultural dos povos. De acordo com o crítico literário Antonio Candido, “assim como não é possível equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, talvez possamos dizer que não haja equilíbrio social sem literatura. [...] A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. [...] Ora, se ninguém pode passar 24 horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”¹⁶.

A relação entre os adultos e as crianças e adolescentes é submetida a grandes mudanças. Estas repousam em conflitos necessários, vividos na lida



entre as exigências do prazer e da autonomia e as exigências da realidade. O equilíbrio da criança e do adolescente é construído com base nessas diferentes experiências. O universo dos livros, dos contos e da literatura fala muito essas experiências, por isso é reconhecido, agrada a todos e, por meio desta universalidade, enriquece o trabalho da mediação de leitura e aproxima os indivíduos.

É claro que as diversas situações de conflito que vive uma criança ou um jovem, suas referências culturais, suas condições de vida e seu bem-estar têm um peso importante para o seu futuro – mas transformações sempre são possíveis. Encontros e situações aleatórias podem ter importância decisiva no destino de cada um e de um grupo, sem que isso seja previsível. Nesse sentido, pensamos que viabilizar as relações do sujeito com aquilo que a língua escrita e a literatura transmitem de forma que os indivíduos possam estar inseridos em sua cultura e localizem-se na história da humanidade é uma ação fundamental¹⁷.

¹³ MUNDURUCU, D. *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Editora Studio Nobel, 2001.

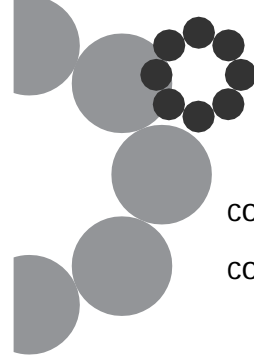
¹⁴ Ver artigo de René Diatkine, Desarrollo psíquico y transmisión cultural in *Espacios para la lectura*, ano 2, n.5, 2000.

¹⁵ Ver a respeito Élie Bajard. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

¹⁶ CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Ed.Duas Cidades, 1995.

3.1 • Aspectos do desenvolvimento da linguagem


A linguagem oral se constitui normalmente entre o décimo e o trigésimo mês da vida da criança. A partir das primeiras palavras como “mamãe” ou “papai” se elaboram os primeiros rudimentos de linguagem e de pensamento. Nessa etapa dois tipos de linguagem cercam o bebê: a linguagem factual e a linguagem narrativa. A linguagem factual acompanha os fatos e gestos da vida cotidiana, significando as situações concretas vividas pelas crianças. As frases são frequentemente incompletas, contínuas, às vezes simples comentários sem



começo nem fim e, para serem compreendidas, necessitam estar situadas no contexto em que ocorreram.

A linguagem narrativa desperta interesse e é percebida pelas crianças desde muito cedo. Esse tipo de linguagem não acompanha os acontecimentos mas os relata à distância. Ela possui início, meio e fim que, se alterados, podem transformar o que está sendo narrado. O bebê percebe desde cedo a diferença entre essas duas formas de linguagem e começa a brincar com elas. É a vivência entre a linguagem factual e a linguagem narrativa que vai ajudar a criança na aquisição da própria língua, no desenvolvimento de seu pensamento e na constituição do espaço psíquico interno para o imaginário¹⁸. A constituição desse espaço interno é fundamental para o desenvolvimento da criança. Ela necessita dele para poder brincar, sonhar e abstrair. Brincando sozinha ou em seu pensamento com situações e pessoas que a cercam, ela adquire maior liberdade e capacidade para aprender e lidar com seus conflitos internos.

Antes do aprendizado da língua escrita, a criança deve saber se representar, deve poder desenhar um boneco e ser capaz de inventar uma história a partir desse desenho, entre aquilo que lhe é próximo e mais distante, sua casa e o seu mundo. Com o desenho, a criança faz uma narrativa, em que expressa seus sentimentos e emoções em relação ao seu meio. Quando ela desenha uma casa, uma família e algumas flores, a criança conta algo que mistura sua vida real e a ficção. Ela é capaz, finalmente, de imaginar, de utilizar a lembrança e de se projetar no futuro. Quando o jogo entre as linguagens factual e narrativa é utilizado naturalmente numa família com o bebê, ele tem um papel insubstituível no desenvolvimento da linguagem e da afetividade da criança. No entanto, muitos são os bebês e as crianças pequenas privadas dessa linguagem narrativa. E colocar a criança em contato com a forma de linguagem narrativa durante o período de aquisição da linguagem é fundamental.



“Foi uma experiência maravilhosa, pois em se tratando de uma criança pequena com tempo de concentração também reduzido, conseguimos uma atividade de real interesse para ela. Nas sessões seguintes, ela sempre chegava pedindo o livro, não com palavras, pois ainda não tinha vocabulário para tal, mas imitando as falas dos bichos na história, e aí fizemos outras vezes a leitura. Foi surpreendente e de extrema ajuda para a estimulação vocal da criança, que está em fase de balbúcio, e preparação dos primeiros fonemas para o desenvolvimento da linguagem oral.” (Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem – CPPL – Recife – PE)

Ao ouvir a leitura de um livro, as crianças estão aprendendo mais sobre a sua própria língua, têm contato com a linguagem escrita e narrativa, conhecem a visão de mundo do autor, podendo compará-la com a sua própria visão. Estão, acima de tudo, conhecendo o universo da leitura e o patrimônio cultural ao qual pertencem.


¹⁷ Ver Márcia Wada e Patrícia B. Pereira Leite. Narrativas Literárias, comunicação compartilhada criando a possibilidade de um espaço de expressão. III Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos.

¹⁸ Ver Marie Bonnafé. Le récit, un enjeu capital, in Actions Culturelles Contre les Exclusions et les Ségregations

4 • A mediação de leitura

“No começo do dia já estava ansiosa para a mediação de leitura que programei para hoje. Combinei com minha dupla de nos encontrarmos na sala da biblioteca para escolher alguns livros, pegar o colchonete, as almofadas e seguirmos para o ambulatório. Como me atrasei um pouco, quando cheguei minha dupla já tinha separado boa parte do acervo para levar. Por sorte, seus livros preferidos não coincidem com os meus, então pude levar quase todos os livros que gosto e ficamos com um acervo bem grande e variado (cerca de 40 livros).

O ambulatório estava superlotado! Crianças, mães e pais sentados assistiam à televisão e outros tantos esperavam encostados e agachados no corredor a



hora de serem chamados. Passamos já olhando atentamente às crianças – que também pareciam notar o movimento diferente (talvez pela cesta de livros e nossos uniformes; vestíamos a camiseta do projeto e o crachá).

Sentamos no canto e montamos o espaço no chão enquanto olhávamos ao redor e confirmávamos: ‘sim, vocês podem chegar, sentem... querem ler uma história?’. Logo um grupo de três irmãos se soltou da mãe e chegou perto de mim. Olhei para minha dupla e fiz o sinal ‘vou começar com essas’. Enquanto isso, ela terminou de distribuir os livros no tapete e saiu em busca de novos leitores. ‘Quero esse’, pediu Bernardo, o mais velho (11 anos) logo que comecei a mostrar as opções. Começamos então a verdadeira história dos três porquinhos, que foi a todo momento interrompida por outros desejos: ‘Depois você lê esse também?’, perguntava Leo, de seis anos. ‘Leio’, respondi. ‘E esse, também?’, ‘Também’, repeti. ‘E esse?’. Sugeri então que ele escolhesse quais gostaria de ouvir e fizesse uma pilha em seu colo, pois terminada aquela história lia outra que ele escolhesse. Ele escutou um pouco mais sobre o lobo bonzinho e logo saiu ‘engatinhando’ por cima do tapete de livros à procura do que lhe interessava mais. Enquanto continuava a ler para Bernardo (super atento ao desenrolar da história) e Marina (irmã do meio, oito anos, bem quietinha) reparei que Leo rejeitou dois livros que não tinham texto. Mais tarde, pude entender por quê: ‘esses não tem história, oras!’

Quando, propus que lêssemos Filipe, contra o tempo e o vento e logo que foliei as primeiras páginas em silêncio, mostrando as figuras e olhando para o rosto deles, o que se sucedeu foi um turbilhão de perguntas, respostas, sugestões e versões animadas para a aventura do ratinho (sem letras). O livro foi ao chão e o grupo (agora já eram oito crianças) se posicionou em volta, desvendando cada detalhe da história.

Olhei ao redor e vi que minha parceira continuava no outro canto do tapete, ainda bastante entretida com uma única criança – que, pelo jeito, havia pedido todas as histórias do Lá Vem História.

O tempo passou e enquanto arrumávamos as coisas para ‘recolher’ a biblioteca, fui puxada pelo braço: ‘Tia, posso levar essa história para ler pra minha mãe?’. Era Leo, com ‘Filipe’ na mão.”




(Registro de técnica da equipe do Programa Biblioteca Viva em Hospitais)

A mediação de leitura é uma situação em que duas ou mais pessoas estabelecem uma relação por meio da leitura de histórias. Aquele que lê os livros está disponível para acompanhar o outro na escuta da história, acolhendo as colocações que possam surgir, sem a preocupação de intervir. Ele respeita, assim, a forma, a distância e o ritmo de cada indivíduo para escutar e se expressar, proporcionando um momento afetivo e prazeroso em torno das histórias e dos livros.

Em geral, instaura-se um clima de descontração e liberdade, em que as crianças ouvem ou leem os livros, falam e comentam o que quiserem e não têm obrigação de apresentar um trabalho ou qualquer produto sobre a leitura feita. A mediação de leitura é realizada sempre da mesma maneira e destina-se a qualquer público. O que difere uma situação da outra é o contexto no qual ela acontece: instituições de vários tipos (creches, hospitais, escolas etc.), espaços públicos ou privados. Por isso, antes de iniciar a atividade, o mediador planeja as ações que pretende desenvolver, de acordo com as características da instituição e do grupo a ser atendido.

“Todas as sextas-feiras é feito um trabalho com os idosos das famílias assistidas pelo Polo Capitão Maurício/Lar Fabiano de Cristo, com o qual mantemos uma parceria e pensamos em enriquecer esses encontros, levando também para eles a Biblioteca Viva. [...] Trabalhei do mesmo modo que trabalho com as crianças. Como já estávamos em círculo, espalhei os livros no chão e pedi para que escolhessem; ninguém pegou, ficaram todos me olhando; sinceramente, pela primeira vez, não sabia o que fazer! Até que vó Luiza pegou Rápido como um gafanhoto. Estavam todas encantadas com os desenhos, rindo à toa. Tanto, tanto chamou a atenção pela cor da pele dos personagens, acharam muito bonito e relataram que existe muito preconceito com as pessoas de cor negra. Em Bruxa, Bruxa as gargalhadas tomaram conta da sala, faziam caretas, cochichavam entre si e até cobriam o rosto. Vó Miriam José achou que já tinha muita gente para essa festa, mas no final todas gostaram. Em A cama



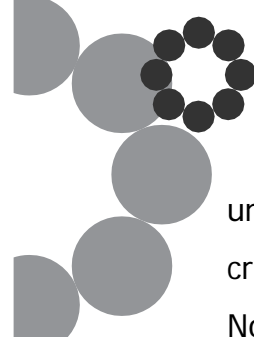
da mamãe, *a identificação foi muito maior, pois de imediato fizeram comparações com seu cotidiano, seus filhos e, netos que têm como aconchego a cama da mamãe.* (Educadores do Centro Social Ana Rosa – Recife – PE)

É importante que se leia a história exatamente como está escrita, que ela não seja contada com as próprias palavras do mediador, pois queremos transmitir o texto em sua forma narrativa. Ao ler exatamente como está escrito garante-se a permanência da história. A escrita traz a possibilidade da releitura. As crianças gostam de escutar a mesma história várias vezes, isso lhes dá segurança e conforto, transmite a sensação de conhecimento. Portanto, na medida do possível, é importante ler os livros para elas tantas vezes quanto solicitarem, desde que a repetição seja aceita pelas outras crianças e que nós mesmos não estejamos desestimulados a fazê-lo. É ainda bom lembrar que as crianças gostam de ouvir a mesma história exatamente como foi lida anteriormente.

A criança ou o adolescente precisa se identificar com o livro, com o espaço da biblioteca. É recomendável sempre perguntar o que as crianças desejam ler ou ouvir. Em geral, as respostas são variadas, mas o mediador vai procurar uma maneira de atender aos desejos das crianças e dos jovens.

“No início foi um pouco difícil, eles não gostavam muito, mas com o tempo, com o contato diário, com a escolha dos livros feita por eles mesmos, despertaram-se neles o interesse e o cuidado com os livros de história. Hoje, eles gostam muito de recontar as histórias, isso para mim é gratificante, ver a aceitação dos livros. Mesmo depois de tanto tempo, há crianças que tentam registrar a história, mas acabam se encantando com as gravuras e até mesmo com a escrita dos livros.” (Educadora da Associação Social Santo Antonio – ASSA – SP)

Às vezes existe a expectativa de fazer a leitura para o grupo todo, mas isso nem sempre acontece. É comum lermos para algumas crianças ou até para



uma única criança. E todas essas situações são válidas e importantes. As crianças não são iguais e não se comportam da mesma maneira todos os dias. No entanto, mesmo quando apenas uma criança está ouvindo a leitura, percebe-se que outras, apesar de estarem concentradas em uma brincadeira, também estão atentas à história que está sendo lida.

“É diferente contar histórias com alguns conversando junto, mas é interessante porque, por mais que alguns conversem, eles entendem, escutam o que estamos lendo.” (Professora do EMEI Soneca – Santo Antônio da Patrulha)

“[...] Inicialmente fazíamos as leituras e eles pareciam alheios às histórias e aos livros. Mas começamos a perceber que algumas crianças repetiam palavras das histórias nos momentos de leitura, num claro sinal de que estavam prestando atenção, se não ao texto como um todo, pelo menos a fragmentos ligados a um contexto provavelmente de alguma situação cotidiana vivida por eles.” (Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem – Recife – PE).

As situações de mediação variam, mesmo quando se trata de um grupo fixo de crianças. Há dias em que estas se interessam menos pela leitura e isso é normal, pois mesmo adultos leitores não leem todos os dias. Por isso, é importante que o mediador fique tranquilo e que tenha previsto essa possibilidade. Dessa forma, sem perder de vista seu objetivo, que é a leitura dos livros, poderá propor brincadeiras ou outras atividades que permitam às crianças se expressarem e que possam ser intercaladas com momentos de leitura, quando elas se mostrarem agitadas ou cansadas, ou em outras situações que considerar necessárias.

“O que eu observei é que quando terminamos de contar a história, eles pegam o livro e começam a contar para o colega do jeito deles. Isso ocorre mais na faixa etária das crianças de quatro anos, mas as de três anos já estão começando esse processo.” (Rosângela de F. Panoni – Casa da Criança –



Souzas – Campinas – SP)

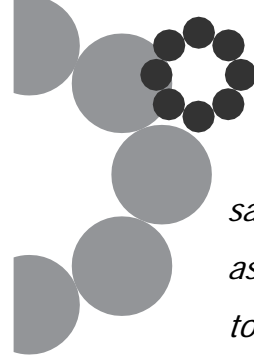
A mediação de leitura também pode ocorrer em grupos heterogêneos, em relação à idade, origem, classe social e sexo, possibilitando maior inclusão. Nesses grupos, as crianças maiores podem ouvir as histórias de livros lidos para os pequenos e que gostariam de ler, sem se sentirem envergonhadas por isso. E as crianças menores gostam de imitar as maiores e os adultos na escolha dos livros e no comportamento. É uma situação muito favorável, e é interessante privilegiar esses momentos e aproveitar principalmente situações em que possamos estar em presença dos pais.

“Fui para a Ucin e lá estava Bruninho de dois meses, todo serelepe. Li para ele várias histórias e ele prestava atenção na voz, e às vezes fixava os olhos em algum ponto do livro; li: Opostos divertidos, Joanhina Rabugenta e Procure e ache; li para sua mãe e para outra mãe que estava no mesmo quarto O rei Gilgamesh.

Ao sair desse quarto uma mãe que estava no quarto ao lado solicitou leitura para seu filho dizendo: ‘Na semana passada o Caio (três meses) estava dormindo, mas hoje não, eu quero que ele escute historinhas!’ A mãe ficou encantada com as histórias, li Opostos divertidos, O explorador esperto e Brincadeiras cintilantes, ela demonstrou estar feliz pela atenção dada a seu bebê; ele por sua vez estava sonolento e parecia não estar entendendo muito o que estava acontecendo, mas sua mãe estava radiante!” (Nutricionista – Instituto da Criança – SP)

Além disso, quando os bebês estão presentes, por exemplo, é difícil que eles se instalem para ouvir uma história durante um longo período. Para eles, a escuta de uma história depende muito da presença dos adultos, de outras crianças e de uma atenção privilegiada. A atenção dos bebês é intensa e fugaz e é raro que eles manifestem uma escuta atenta, contínua e silenciosa ou com perguntas, como os maiores.

“Ler, ler e ler é ótimo, [no Parque do Ibirapuera]. Nossa, estava com



saudades! Ler para adultos é diferente; na primeira vez pensei que nunca mais as minhas mãos iriam parar de tremer, até que se foram um, dois, três livros e todos ficaram maravilhados, até eu!


Quando as crianças começaram a escolher os livros e não queriam ir embora, pude perceber o tamanho do trabalho que estamos começando a fazer. Às vezes, os pais ficavam abismados ao ver os filhos tão interessados e até aquelas crianças que não se comunicavam, com frequência estavam sorrindo, falando, ou melhor, se divertindo.” (Jovem mediadora da Instituição Filomena – São Paulo – SP)

Nas instituições, a leitura pode ser feita para grupos de funcionários, com o objetivo de divulgar o projeto e motivá-los a participar.

“Eu fui para o segundo andar, sala de espera de exames e coleta de sangue. Conversei com quatro funcionárias, expliquei o projeto e perguntei se elas queriam ouvir histórias. Elas ficaram animadas. Estiquei o lençol no chão, espalhei os livros e iniciei as leituras: Oh!, Tanto, tanto, A pequena toupeira, Escondida, Ninoca, Adivinha quanto... Depois de 20 minutos, deu-se o milagre da multiplicação. Estávamos na véspera da Páscoa. Começaram a surgir dos corredores mais funcionários e, de repente, havia mais de 15 pessoas ouvindo histórias: enfermeiras, faxineiras, fisioterapeutas, nutricionistas... Foi fantástico!” (Instituto da Criança – São Paulo – SP) “

Pode-se ler em qualquer lugar: em casa para os filhos, na igreja, na escola, na comunidade e até no transporte coletivo.

“Ao chegar à Comunidade de Amparo, logo percebi que uns estavam calmos e outros bastante agitados. Então sentamos na frente da casa de uma das crianças e expusemos os livros no chão e assim que os deixei no chão, Kaline, uma menina de cinco anos, foi rápida, pegou um livro e começou a ler a história que ela via nas imagens do livro. Quando percebi, todos estavam agarrados com os livros e eu ainda não tinha lido nada. Então, Vanessa, oito anos, olhou para mim e disse: ‘Tia, quer ler para mim?’, e eu li todo o livro com



bastante calma... consegui ver nos olhos dos meninos que eles fizeram uma leitura visual da história. (Educadora – Grupo Sobe e Desce – Olinda – PE)."


4.1 • Planejamento da mediação

Todo mediador precisa planejar cada dia de atividade, assim como o professor planeja cada dia de aula e as pessoas programam seu dia de trabalho. Planejar a mediação de leitura é programar, com antecedência, a ação que se pretende desenvolver, providenciando os meios para sua realização: livros, almofadas, tapetes, lápis, papel, material para reparar livros rasgados etc. Para isso, há a necessidade de o mediador conhecer previamente o contexto no qual vai atuar e para qual público.

Se o mediador não pertencer ao quadro de funcionários da instituição, ele terá um horário fixo nos dias da semana para realizar a leitura. O planejamento de suas ações precisa levar em conta as características do grupo e o tempo disponível, além de prever uma troca de experiência com os educadores ou professores do seu grupo. No caso do mediador ser o próprio professor de um grupo de crianças de uma escola, ele pode planejar sua atividade na rotina da sala de aula, lendo um texto, por exemplo, antes da aula de matemática, se não quiser instituir um horário fixo para a leitura. Pode também planejar a atividade em outros locais, fora da sala de aula, para grupos de crianças de diferentes idades e para funcionários e pais.

É frequente o leitor enfrentar situações em que as crianças disputam os mesmos livros, chegando a danificá-los e a provocar brigas.

"E teve um menino de sete anos que leu O Galileu leu, e o nome dele é Daniel Galileu. Ele tem o maior orgulho do seu nome porque o Galileu foi um pesquisador. Um dia chegou para mim e disse: 'Tia, eu vou levar esse livro para ler'. Falei assim: 'Pode levar'; aí ele perguntou: 'Ele tem o meu sobrenome, né, tia?' Ele levou, leu o livro e na roda contou para as outras crianças a historinha do livro. Aí teve uma briga porque todo mundo queria ler. É sempre assim,



quando um conta o livro, todos querem ler. Aí avançam uns 20 em cima e até rasgaram o livro.” (Educadora – Pró-menor Barão Geraldo – Campinas – SP)”


Ao perceberem que os livros estarão sempre lá, aos poucos as crianças aprenderão a negociar e a esperar. Por outro lado, é a sensibilidade de cada um diante da situação que vai dizer se, em certos casos, é importante garantir a uma determinada criança que ela fique com o livro o dia todo.

A leitura ocorre em clima de muita descontração e liberdade e é um momento de grande proximidade das crianças com o mediador. Nessas situações, é preciso estabelecer uma disciplina, mostrando a elas que para um convívio agradável e produtivo é preciso ouvir, respeitar a opinião do outro, esperar sua vez de falar etc. Isso deve ser feito de uma maneira amigável, para não intimidar a criança de perguntar, questionar, esclarecer dúvidas, emitir sua opinião.

Cada pessoa conhece o seu limite de tolerância para definir as regras de convivência do grupo. E as crianças se sentirão mais seguras em relação ao que podem ou não fazer, se o mediador tiver coerência e firmeza na adoção dessas regras. Muitos imprevistos podem dificultar ou impedir a leitura, como a chegada de novas crianças ao grupo, outras atividades que atraem a atenção delas, um fato excepcional que ocorreu com alguém do grupo ou com pessoas próximas.

4.2 • O espaço físico da mediação: uma bagunça necessária

“Quando nós fazemos um trabalho coletivo, com uns quatro mediadores, colocamos os tapetes, esparramamos os livros, e sempre me impressiona o efeito que isso causa, a quantidade de gente que isso aglutina, as reações delas, a alegria que elas passam, a alegria que isso gera nos pais. Isso mexe no dinamismo, porque são pais que estão há dias ou semanas aqui no hospital,

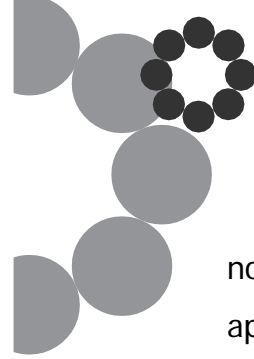


internados junto com as crianças. E de repente, nós instauramos um momento de alegria, de conhecimento, de troca, de prazer. Acaba me enchendo os olhos cada vez que nós organizamos um momento coletivo de leitura..." (Hospital Pequeno Príncipe – Curitiba – PR)

Sempre que o mediador estende o tapete ou o lençol e coloca sobre ele os livros e as almofadas, as crianças passam a entender o significado desse momento, pois o ambiente fica mais aconchegante, e elas associam a hora da leitura com uma situação informal e agradável. A leitura é realizada em um determinado espaço físico, organizado e preparado especialmente para se tornar um local agradável, onde as crianças se sintam confortáveis e à vontade para manusear os livros, locomover-se, aproxima do mediador, ler e ouvir a leitura, falar, cantar, enfim, expressar-se como quiserem. Não existe um padrão de espaço físico para o desenvolvimento da leitura.

Algumas instituições oferecem a possibilidade de um local fixo para a mediação de leitura: uma sala com tapete, almofadas e estantes que permitem expor os livros de modo que as crianças vejam suas capas. Onde não há local fixo para a atividade de mediação, ela pode acontecer no mesmo espaço em que se desenvolvem outras atividades, como a brinquedoteca, o refeitório, a quadra de esportes, a sala de atividades normais ou de qualquer outra atividade, desde que o mediador organize o espaço, transformando-o em um local confortável e agradável para as crianças.


Os educadores podem pegar os livros e usá-los em sala de aula, com seu grupo. Os livros também podem ser distribuídos em caixotes e destinados um pouco para cada sala, e depois de lidos serem trocados entre as turmas. Esse é um modo de funcionamento de uma biblioteca ambulante dentro da instituição. Assim, cada turma pode ter acesso a livros diferentes para serem lidos todos os dias, durante todo o período que permanecer na instituição.



O espaço onde a mediação de leitura acontece costuma não interferir nos resultados, ou seja, as crianças normalmente reagem bem aos livros, apesar do barulho e do lugar improvisado. Mas é comum que no primeiro dia em que se ocupa um lugar improvisado as crianças tenham vontade de explorar o espaço. Organizar cantinhos de leitura aconchegantes e iniciar a leitura, mesmo que seja para uma só criança, pode atrair a atenção das demais e diminuir a dispersão.

Esse momento de leitura também não deve ser obrigatório. Os adultos sabem o que querem ler, têm condições de selecionar e deixar de lado as leituras que não lhes agradam. Por que não permitir o mesmo às crianças? Se o livro deve estar presente no cotidiano, seria ideal que ele não se tornasse uma imposição, ou uma ferramenta de avaliação. Quando a criança sente que tem liberdade e autonomia para usar o livro, sem que precise pedir ajuda a um adulto, ela tem maiores chances de descobrir tudo que aquele objeto pode lhe trazer. Porém, a autonomia não é simplesmente deixar todo mundo pegar o que quiser e depois guardar em qualquer lugar. A autonomia é uma conquista que a criança faz dia a dia, quando aprende como a biblioteca está organizada, como estão guardados os livros que ela mais gosta, quais tipos de livros existem ali, como pode usá-los e depois guardá-los. Essa autonomia é fundamental para que as crianças percebam que elas próprias têm condições de buscar e adquirir conhecimento e que poderão obter respostas para as suas questões, dúvidas e necessidades nos mais variados lugares. Garantir acesso aos livros – isto é, permitir que as crianças peguem o livro, sintam que podem ler sempre que desejarem – é condição essencial para o trabalho. Mas não é uma condição suficiente, já que o acesso não é apenas poder pegar o livro, mas também, e principalmente, entender e tirar proveito dele.

As crianças não são seres isolados; elas vivem com a família, têm amigos e se relacionam com pessoas que não têm a oportunidade de participar de mediações de leitura ou de bibliotecas. Por isso, é necessário que o livro entre em suas vidas não como um objeto estranho, mas de uma maneira




integral. Para que o livro não se torne um fator de isolamento ou de diferenciação, podem ser criados mecanismos de empréstimo, onde as crianças – e mesmo seus pais, irmãos, primos etc. – levem os livros para casa. Esse é um modo de abarcar os ambientes em que as crianças vivem, de fazer com que as famílias participem e tenham contato com o que estão lendo, ampliando desse modo o número de leitores.

“Hoje fizemos mediação para as crianças das enfermarias F e H. Essas enfermarias estão em isolamento por tempo indeterminado [...], por isso fizemos a mediação leito a leito. Na enfermaria F tinha oito crianças, sendo sete menores de dois anos e uma de seis anos. Ao entrarmos na enfermaria, Naiara, 20 meses, chama logo a minha atenção, pois a maioria das crianças estava dormindo, acompanhadas de seus pais ou mães, exceto ela, que além de estar acordada estava sem acompanhante. Ao me aproximar com os livros, ela ficou em pé no berço e atenta aos meus movimentos. Espalhei alguns livros no seu berço, ao seu lado. Ela sentou-se, olhou-os, mas não os pegou. Escolhi o livro Cachinhos Dourados, de Jonathan Langley, e comecei a ler para ela. Surpreendeu-me o interesse mostrado pelos livros e pela leitura. Li mais uns cinco para ela. Os que tinham dobraduras faziam-na sorrir com admiração. Achei estranho nessa mediação que Naiara, em momento algum, tocava nos livros.” (Enfermeiras do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG – UFRJ – RJ)

Em espaços públicos e abertos, como parques, jardins e praças, os mediadores escolhem um lugar sob uma árvore, sob uma marquise, sobre a grama, abrem o tapete, colocam os livros e as almofadas, preparando o espaço para a atividade. O simples fato de eles organizarem o local vai atrair a atenção e a curiosidade das pessoas.

Embora o mediador possa planejar a sua atividade imaginando que conseguirá ler um certo número de livros, nem sempre isso ocorre da forma como pensou, em função do comportamento das crianças, que varia muito de



um dia para outro, ou devido a interferências externas. Quando o mediador já realiza a atividade há algum tempo, consegue avaliar suas atuações anteriores antes de planejar a seguinte, lembrando quais livros as crianças apreciam mais. Esse conhecimento visa orientar a escolha e a quantidade de livros necessários, o tempo de duração e o local da mediação.

Em outras instituições, a própria sala onde as crianças são atendidas pode servir de local para a mediação. Por exemplo, em hospitais, a atividade pode ocorrer no saguão, em salas de espera, em corredores ou mesmo nos quartos onde as crianças estão internadas ou sendo submetidas a algum procedimento. A leitura será feita para um grupo de crianças diferente a cada dia, e poderá acontecer, com a participação de pais, acompanhantes ou funcionários do hospital. Nesse caso, o mediador já sabe que lerá para crianças que estão lá, para uma consulta, um tratamento ou internação. Trata-se, portanto, de crianças que estão vivendo um momento de fragilidade, carência, insegurança e que permanecem, geralmente, por pouco tempo no hospital.

“Ficamos no final do corredor, próximo ao Raio X e EEG. É um local mais ou menos de passagem, por isso a audiência foi bastante flutuante. Crianças iam e vinham a toda hora. As crianças maiores pegavam os livros e liam sozinhas, rindo bastante. A Debora, de oito ou nove anos, começou a ler sozinha. Depois, virou-se para mim e disse que ficava cansada porque ela lia muito devagar. Perguntei se queria que eu lesse para ela e ela adorou, prestando muita atenção, fazendo muitas perguntas e comentários. Quando a mãe a chamou, Debora selecionou um livro e disse para mim que na próxima vez queria ouvir aquele.


Um pai estava olhando de longe, quando o filho de uns três anos quis entrar na roda, ele foi chegando, se sentou e começou a ler, primeiro para si próprio e depois para o filho. As mães que passavam para marcar exames no Raio X atendiam aos pedidos das crianças e as deixavam conosco ouvindo histórias. Na volta, paravam um pouquinho para ouvir também.” (Médica do Hospital

4.3 • Quais livros selecionar?

Os critérios de seleção do acervo são variados. O primeiro deles, e mais amplo, é o da diversidade, tanto de ampliação de linguagens visuais e verbais quanto de temas, assuntos e gêneros. Em segundo lugar, deve-se adotar o critério de seleção dos clássicos da literatura nacional e estrangeira, incluindo mitos, contos de fadas, contos populares e folclóricos, fábulas e lendas. Essa coletânea deve mostrar como os homens pensam, sentem e se relacionam na sociedade e com a natureza em diferentes épocas, locais e culturas.

Enfim, deve mostrar ao leitor outras visões de mundo, outras vozes. Entre os autores e obras nacionais, pode se citar Monteiro Lobato e *Contos Tradicionais do Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo; da América Latina, é possível citar mitos, lendas e contos populares; da Europa, *Mitos da cavalaria*, *Fábulas italianas*, de Ítalo Calvino, contos escandinavos, além de La Fontaine, Perrault e os irmãos Grimm.

Outro critério a se levar em conta é a relação entre narrador e leitor nas obras literárias. Devem ser selecionados livros que estabeleçam um diálogo com o leitor, que tenham cumplicidade com a criança e sua leitura de mundo. Quem escreve se expressa, transmite o fruto de um trabalho sofisticado e laborioso e quem lê vivencia se o texto agrada, se emociona, se ensina algo ou se encanta. Os livros de imagens ou visuais também devem fazer parte do acervo, pois a leitura da imagem precede a leitura da palavra. Ler imagens possibilita o desenvolvimento necessário para a compreensão dos símbolos mais sofisticados que são as letras. Além disso, permite o contato com outras formas de expressão e de pensamento além de leituras diferentes por parte das crianças. A mesma imagem pode ter inúmeros significados, pode remeter a variadas sensações, emoções e experiências prévias dos leitores. “O livro de



imagem, ao permitir a invenção de diferentes textos, a partir de uma mesma narrativa visual, estimula a diferença e o respeito pela diferença, sem o que não há democracia”¹⁹.


A poesia também é importante, pois a criança se relaciona ludicamente com o mundo, com a linguagem, com o crescimento. A poesia carrega em si o lúdico, o jogo, o ritmo e a sonoridade que as crianças reconhecem e se identificam. Ler e ouvir poesia nem sempre é prática usual, mas as crianças cantam, fazem adivinhas, versos e rimas em suas brincadeiras. Além de autores já consagrados, procura-se incorporar ao acervo obras poéticas contemporâneas, voltadas ao público infantil.

A seleção de livros de literatura infantil e juvenil contemporânea deve contemplar também a ficção científica, o romance policial e de suspense, os contos de terror e de mistério, histórias de amor e histórias do cotidiano. Livros dessa natureza levam ao leitor diferentes visões e a possibilidade de reflexão, pois abordam aspectos próprios do imaginário ou questões como o amor, a morte, a separação, o crescimento, a violência, a sexualidade, a descoberta de usos e costumes de outros países, conquistas, o preconceito, as minorias, as drogas, as amizades etc.

A título de orientação, vale lembrar que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) realiza anualmente uma seleção de obras de qualidade, por categoria, editadas no ano anterior. Este rol pode servir de base e orientação para as instituições montarem seu próprio acervo, assim como fazem outras organizações que também trabalham com literatura.

4.3.1 • Selecionando livros para a mediação

O conhecimento de todo o acervo é indicado para que o mediador possa fazer da leitura uma atividade significativa, uma vez que cabe a ele selecionar



os livros e estar preparado para acolher as reações das crianças. Quanto mais informações tiver sobre o acervo, maior proveito poderá tirar da leitura. Além disso, é por meio desse conhecimento que poderá exercer a tarefa de preservar do acervo além de indicar os livros para reposição.

O que vai orientar a seleção do acervo é o conhecimento que o mediador tem do seu grupo de crianças. É ele que percebe, aos poucos, o tipo de leitura que mais agrada e mais prende a atenção delas, e também o que poderia introduzir como novidade.

“Percebo que as crianças menores sempre adoram participar das histórias, quando quero mudar os livros, trocando os que elas já conhecem por novos, a participação e o envolvimento por parte delas não são totais. Por esse motivo, a troca de livros entre uma mediação e outra é feita aos poucos.”
(Educadora do C.S. Ana Rosa – Recife – PE).

Além da variedade de títulos, o número de exemplares em quantidade suficiente é outro aspecto importante a ser observado em cada mediação, para garantir que as crianças tenham mais opções de escolha e possam ficar com um livro só para si, durante aquele momento.

Quando se trata de um público heterogêneo, o mediador precisa selecionar uma variedade de livros de interesse desse grupo, lembrando que muitos adultos apreciam livros infantis com ilustrações, assim como crianças podem apreciar livros com histórias mais complexas e até sem ilustrações.

“As crianças não queriam que a gente lesse, elas só queriam olhar os desenhos. O interessante foi que os pais acabavam ouvindo e contando histórias. Muitas crianças só queriam folhear as páginas dos livros, mas outras escutavam a história e riam. Eu adorei esse contato com muitas crianças e



adultos.” (Jovem mediadora da Instituição Parelheiros – São Paulo – SP)

Por fim, é preciso alimentar periodicamente a biblioteca. Quanto mais a criança se interessar em ler livros, tanto maior será a sua demanda por outras publicações. Além disso, os livros envelhecem e estragam, necessitando, portanto, que cada instituição desenvolva suas próprias estratégias de ampliação e busque, além de um acervo completo de literatura, materiais de pesquisa e informação, como dicionários, revistas, jornais, enciclopédias, livros informativos etc.

¹⁹ CAMARGO, L. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.